

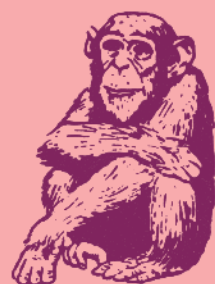
sebastião nunes delirante lucidez

organização e textos
gustavo piqueira

coleção
gráfica
particular

LOTE 42 & CASA REX







esvaziamento de algumas palavras é prática característica dos dias correntes. Transformadas em mero bordão e utilizadas em excesso, elas logo perdem sua essência genuína, o significado responsável por sua difusão. “Guerrilha” é um bom exemplo. O termo não apenas vem sendo empregado à larga no ativismo inofensivo das redes sociais como deu origem a verbetes que, de tão disparatados, beiram o inacreditável. Como “marketing de guerrilha”.

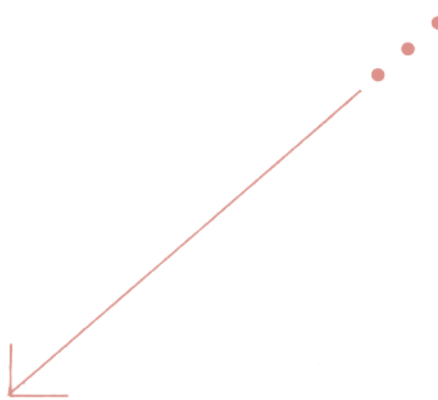
Já outras parecem ter caído em total desuso, tamanho seu sumiço de nosso dia a dia. “Coerência” é uma delas. Em tempos de hiperexposição, de consumo rápido e superficial, aferir-se a suas convicções parece atitude das mais démodées.

Mas este livro destaca um artista que consegue avocar os qualificativos acima sem constrangimentos: Sebastião Nunes, que há cinquenta anos vem criando uma das mais originais, combativas e coerentes obras literárias do Brasil.

Sebastião escreveu, ilustrou, diagramou, produziu e distribuiu seus livros. Poesia, prosa, ensaios. Desenhos, fotos, colagens, gravuras antigas. Misturadas ou isoladas, intactas ou avacalhadas. Para cada obra, que ele já chegou a definir

como “objetos intersemióticos”, uma receita única. “Na parafernália gráfica de minha poesia, houve de tudo: cartazes, folhetos, envelopes recheados de papéis de todas as formas, e até livros parecidos com livros.” Com impiedoso sarcasmo, disparou sua verve crítica contra a mediocridade da classe média, o pedantismo da autoproclamada elite cultural, a pobreza intelectual e a padronização de comportamentos ou de ideias.

Sem se prender a regras, foi da mais absoluta desconstrução do objeto livro a formatos ultratradicionais. Da quase total predominância da imagem a textos puros. Da extrema erudição aos mais escancarados palavrões. Nenhuma das grandes editoras para as quais enviou originais aceitou publicá-lo — rendendo passagens hilárias, que ele costuma contar em entrevistas. Recusou-se a participar de eventos literários badalados. Recusou-se a ceder um milímetro que fosse de sua liberdade. A abrir mão de suas convicções. Só se desviou de seu caminho quando quis, para abrir novos. Estar diante dos livros de Sebastião Nunes é admirar a obra de um criador radical como poucos.



Nota muito importante: os erros de português
não são erros de português.

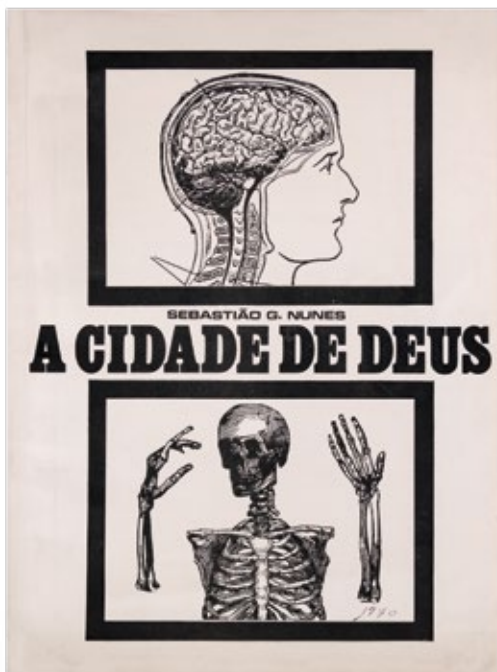
Nascido em 1938, na pequena Bocaiúva, em Minas Gerais, Sebastião Nunes muda-se para Belo Horizonte ainda adolescente. Na capital mineira, entra na faculdade de publicidade, que abandona mesmo tendo começado a trabalhar na área, e, posteriormente, na de direito, que conclui sem nunca vestir a toga. Durante o período, elabora cartazes para o movimento estudantil, escreve contos e poesia e conhece outros jovens com quem divide afinidades literárias.

A incipiente produção encontra uma trilha própria no emblemático ano de 1968. “Eu estava sozinho de noite, deitei na sala e resolvi montar um poema. Era texto, montado com letreset, ilustração, fotografia, recortes de imagens fotográficas e rabiscos de desenhos meus em cima. Foi o meu primeiro poema que deu certo. Nem sei qual poema era esse, se foi publicado nem onde ele está. Quando acordei, porque dormi no chão, ao lado do poema, acordei bêbado feito uma vaca e disse: meu caminho é esse aqui, é isso que vou fazer. Estava lá. Era uma mistura de texto, desenho, e fotografia, coisa que fui fazer o resto da vida.” Sebastião se encontrava, então, “numa trifurcação de influências poéticas: concretistas no Brasil e na Alemanha, beatniks e dadaístas”. Estes últimos seriam, sem dúvida, aqueles que mais marcas deixariam em seu trabalho posterior — não através de nomes ou vertentes específicas, mas no espírito geral, permeado pela liberdade anárquica e incorporação do humor como ingrediente-chave da criação. Sua lista de referências, porém, extrapola universos restritos, sejam estes de linguagem, correntes estéticas ou ideológicas. Em uma entrevista sobre a formação de seu repertório, listou Buñuel, Bergman, Godard, Bosch, Klee, Miró, Rimbaud, Corso, Ginsberg, João Cabral, Joaquim Cardozo, Bach, Mozart, Villa-Lobos, Ionesco, Beckett, Steinberg, James Thurber, Millôr, Kafka, Camus, Joyce, Faulkner, Proust, Borges, Graciliano, Dalton Trevisan e Clarice Lispector. Além de encerrar com alguns “etcetera”.

A aversão a movimentos, aliás, seria marca de sua trajetória. Participou de exposições vinculadas ao Poema Proces-

so, mas evitou alistar-se nessa ou em qualquer outra facção. “Liberdade de criação é incompatível com grupos ou escolas.” Em vez de blocos, Sebastião prefere pinçar participantes específicos que admira, como Moacyr Cirne ou Wladimir Dias-Pino e, dos concretos, Décio Pignatari.

Os duzentos exemplares de seu primeiro livro, *ÚLTIMA CARTA DA AMÉRICA*, dezesseis folhas grampeadas, publicado também em 1968, foram impressos com recursos próprios. “Eu mesmo teria de bancar meus livros ou seria apenas mais um inédito eternamente.” O aspecto financeiro, porém, não explica tudo. “Também não queria que ninguém desse palpite no meu trabalho, tanto que quase nunca mostrei nada a ninguém antes da publicação.”



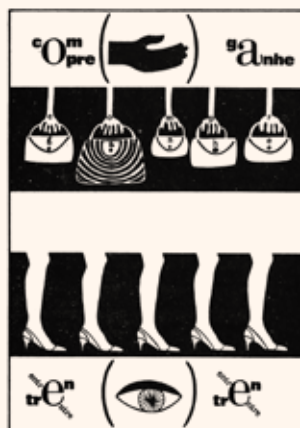
A Cidade de Deus (1970)



A Velhice do Poeta Marginal (1983)

1. o primeiro passo: a síntese reveladora.

Poema de
A Cidade de
Deus (1970)



2. TRATADO ACERCA DAS VANTAJOSAS OFERTAS COMERCIAIS: LIQUIDAÇÃO DE SALDOS.



3. SÚBITO: TERÍAMOS OUVIDO UM GRITO? OLHAMOS E VEMOS: EIS QUE O VITRINISTA PREPARA PAINÉIS PARA MELHOR EXIBIR A NOVA E ESPECTACULAR LINHA DE GELADEIRAS.



4. NÃO OUVIMOS NADA, ISTO É: OUVIMOS MUITO: ENSAIO EM QUE SE TRATA DO VOCABULÁRIO ESPECÍFICO.



5. DA ADMISSÃO AO EMPRÉGO DE BALCONISTA NAS LOJAS DE VAREJO: OS RIGOROSOS TESTES DE SELEÇÃO.



6. O DILEMA DA HEROÍNA: OS TEMAS MAIS ANTIGOS: AS NECESSIDADES INCONCILIÁVEIS.



7. HAPPY END: A CELEBRAÇÃO DO CONTRATO.

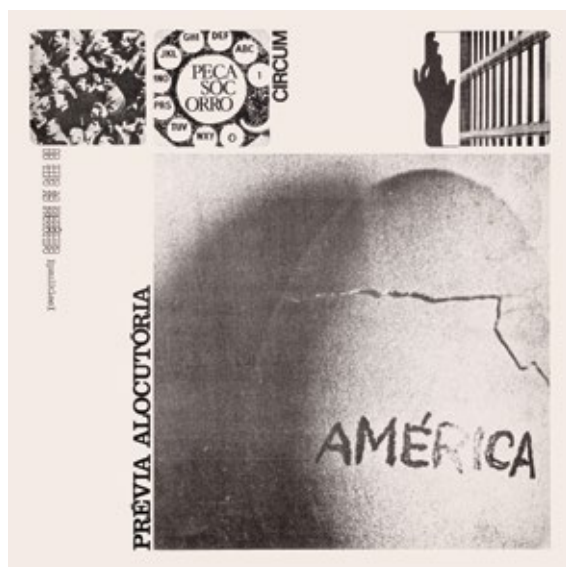


Já para a impressão do segundo, **A CIDADE DE DEUS**, de 1970, adotou uma nova estratégia e escreveu para uma lista de nomes que, imaginou, poderiam se interessar pela obra. Para sua surpresa, recebeu 150 respostas positivas, que auxiliaram na produção dos mil exemplares do livro. Ele adotaria esse modelo para o financiamento de quase todo o seu trabalho posterior, inclusive aqueles lançados pelo selo editorial que criou em 1980, Dubolso (nome que dispensa maiores explicações).

A exploração gráfica do objeto livro assume substancial destaque em seus primeiros seis projetos. Sebastião combina texto e imagem em busca da fusão dos dois num único discurso, assim como parte de desenhos, fotos e antigas gravuras para explorar as múltiplas possibilidades de execução da linguagem visual.

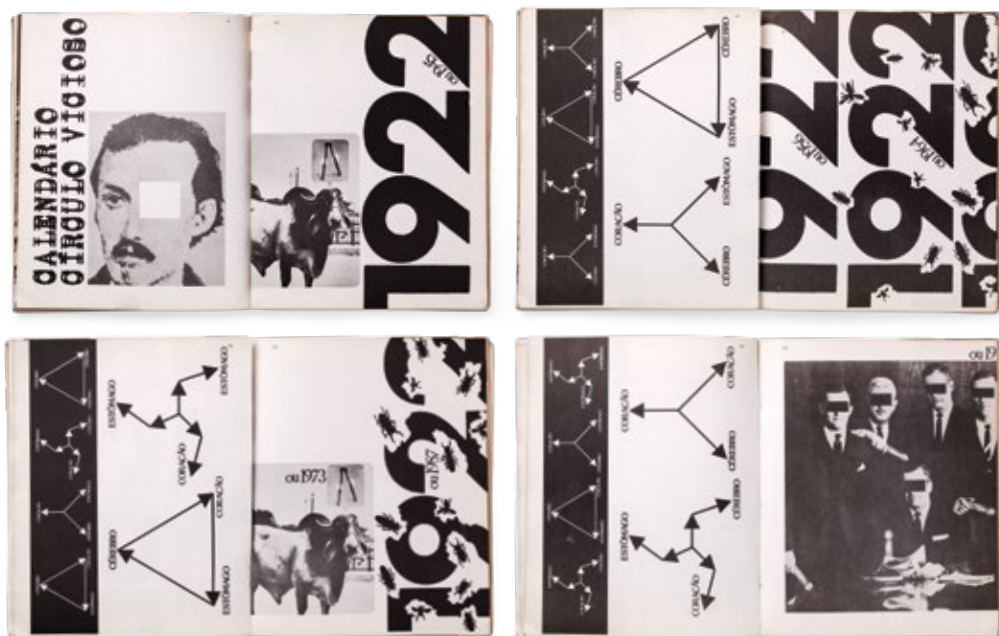
Em **FINIS OPERIS**, de 1973, um envelope em papel kraft barato contém uma série de poemas em formatos diversos. Na obra, a imagem — tanto a imagem figurativa propriamente dita quanto a dimensão pictórica do texto — ganha ainda maior protagonismo, movimento crescente que culminará no livro seguinte, **ZOVOS**, de 1977, quase todo escrito em linguagem visual. Dali para a frente, considerando esgotado esse veio de exploração, ele passaria, gradualmente, a conferir proeminência ao texto, trazendo um discurso cada vez mais afiado, uma mira cada vez mais precisa. Além dos inevitáveis contratempos: a quantidade de palavrões do livro-cartaz **O SUICÍDIO DO POETA**, de 1978, fez com que muitas gráficas se recusassem a imprimi-lo.

Mas sua irreverência nunca se limitou à subversão de regras e formatos: Sebastião Nunes brinca com textos, mistura português moderno ao arcaico, burila palavras incompletas e encaixa palavrões com impecável apuro. Joga com o subtítulo de algumas obras, paratextos que, em tese, deveriam esclarecer o conteúdo ao leitor. **ZOVOS** é apresentada como “novela metafísico/sentimental, tratado místico/paranoico, ensaio afrodisíaco/patológico, poema lúdico/configu-



racional". Os poemas de **PAPÉIS HIGIÊNICOS**, “estudos sobre guerrilha cultural e poética de provocação”. Como prova de que nada escapa de sua insolência, ele também zomba do que há de mais sagrado para o ego de um autor: seu próprio nome impresso no livro. Durante estes cinquenta anos, Sebastião Nunes já foi Sebunes Tião, Bastião Nu, Sabião Bestunes, Sebastunes Nião. Entre outros.

Seria quase impossível que o fato de ter iniciado sua produção num período tão fervilhante não deixasse vestígios em seus primeiros livros. Mas é fácil perceber como, desde o princípio, uma voz individual se empenha em fugir dos enquadres vigentes. Essa busca por uma sintaxe verbovisual própria fica patente num traço peculiar de seu trabalho, o reúso de imagens criadas por ele mesmo. Em **A CIDADE DE DEUS**, surge aquela que seria uma de suas imagens mais recorrentes, o perfil de uma cabeça humana cujo cérebro é devorado por ratos — depois tornado símbolo de seu **DECÁLOGO DA CLASSE MÉDIA** e também presente em **A VELHICE DO POETA MARGINAL** ou na capa de **ADÃO E EVA NO PARAÍSO AMAZÔNICO**. Não é exceção: imagens de **ZOVOS** reaparecem em **SOMOS TODOS ASSASSINOS**, as silhuetas de pernas femininas de **FINIS OPERIS** ressurgem em **ZOVOS**. Sem a obrigação de repetirem a mesma função, o mesmo significado. Quase como se constituíssem uma gramática exclusiva do autor, que pode, então, passar a articular seus elementos livremente.



*Poema de Finis Operis (na versão rediagramada
impressa em Antologia Mamaluca, 1989)*